

# A PATOLOGIA DO AMOR – DA PAIXÃO À PSICOPATOLOGIA

Trabalho de Curso

(2009)

**Tiago Lopes Lino**

Psicólogo Clínico e mestrando em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina de Lisboa, Portugal

Email:

[loptiago@gmail.com](mailto:loptiago@gmail.com)

---

## RESUMO

A forma como cada um de nós vivencia o amor que tem pelo outro, poder-se-á tornar em algo patológico. A paixão, o ciúme, a obsessão, a dependência e necessidade de aceitação e compreensão por parte de quem gostamos, a busca pela incondicionalidade amorosa, são situações que estão presentes em qualquer relação saudável, pois permitem o acesso à confiança, segurança, prazer, satisfação e carinho. Porém quando as personalidades dos indivíduos se cristalizam em torno de traços obsessivos, compulsivos, impulsivos e agressivos, tentar viver uma relação saudável poderá ser uma descida aos infernos.

Consideramos certos indivíduos em intensa confusão emocional, onde o receio e o medo acompanham o ódio e a frustração, na busca do amor incondicional, do amor que nunca tiveram, de quem os ame como nunca ninguém os amou. A solidão, o isolamento e a desconfiança assombram o seu comportamento. Eis que surge a psicopatia, o indivíduo sozinho que busca o amor saudável, humilhando, desvalorizando, agredindo e matando por amor, tornando-se assim num objecto à mercê do amor patológico.

**Palavras-chave:** Paixão, amor romântico, ciúme, obsessão, dependência amorosa, violência doméstica e psicopatia

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objectivo dar a conhecer o *continuum* do amor patológico, desde a fulminante paixão passando pelo estado de dependência amorosa, culminando no funcionamento psicopatológico de indivíduos que vivenciam de forma distorcida esta emoção chamada amor.

No primeiro ponto falar-se-á de paixão e de amor romântico, como acontece e como evolui para amor, fazendo distinção com outras formas de amar. A paixão é definida como estado de sofrimento e preocupação em relação ao objecto amado, porém este comportamento de prazer intenso e pensamentos obsessivos também é característico da fase de enamoramento. Quando este comportamento domina a vida do indivíduo, essa paixão tende a transformar-se num amor passional e doentio.

O segundo ponto caracteriza o amor obsessivo e o delírio do ciúme. O receio extremado de perder o objecto amado e o desejo de exclusividade dessa relação conduz o indivíduo ciumento e obsessivo a utilizar estratégias de protecção da relação amorosa, que poderão ir de uma breve discussão até à violência física do objecto amado ou do rival.

O terceiro ponto refere-se à dependência amorosa, caracterizando as sensações constantes nesse fenómeno, a excitação, a saciedade e a fantasia. É também feito uma correlação entre dependência amorosa e diferentes formas de amar, definindo os comportamentos típicos em cada forma de amar.

O quarto ponto é referente à violência doméstica como fenómeno social, mas também como fenómeno pessoal da vítima e do agressor. Tendencialmente rotulado como manipulador, o agressor apresenta uma série de comportamentos estratégicos de actuação para com a vítima ou futura vítima, realçando a especial incapacidade empática de compreender os outros.

O quinto e último ponto diz respeito à psicopatologia do amor definida como psicopatia. Sendo o psicopata dotado de uma incapacidade de amar, mas ao mesmo tempo detentor de um desejo obsessivo de ser amado, sofre. Por isso julga que os outros terão que passar pelo mesmo para compreendê-lo. O seu comportamento é premeditado no sentido da destruição emocional, psicológica e/ou física do outro.

### A paixão e o amor romântico

Falar de paixão significa falar de sofrimento – patologia -, tendo em conta que ambas as palavras têm a mesma origem etimológica (*pathos*). A paixão é caracterizada por um estado de prazer exacerbado, misturado com um intenso sofrimento por insatisfação, ansiedade, e

necessidade de estar com a pessoa amada, por vezes com sinais psicossomáticos como febre, falta de apetite e irritabilidade, quando se é privado da pessoa amada.

Segundo Doron e Parot<sup>i</sup>, a paixão é definida por dois adjectivos: apaixonado, quando o temperamento activo e entusiasta tem uma conotação positiva; e passional, quando existem quadros de delírio de ciúme ou crimes com elevada conotação negativa.

Para Allen Gomes<sup>ii</sup> a paixão e o amor romântico são sinónimos, ou quase sinónimos, caracterizando-se pelo turbilhão emocional e sexual da ligação entre duas pessoas. Porém a paixão não é institucionalizável por definição, enquanto que a institucionalização do amor romântico poderá dar-se através de uma união legal ou sagrada. Para clarificar melhor o amor romântico, é necessário fazer a distinção do amor físico e do amor/afeição, sendo que o amor físico pode ter uma elevada dose de sentimentos eufóricos e é caracterizado pela atracção sexual entre duas pessoas; e o amor/afeição é caracterizado pelo conjunto de sentimentos variados, entre os quais o vínculo sexual, que se vão sedimentando ao longo dos anos.

Para Fisher, citando Allen Gomes, a paixão surge, então, do especial significado do objecto amoroso e as suas virtudes únicas, engrandecidas pelo apaixonado: o pensar obsessivo no outro e o quanto este pensamento invade todo o comportamento do apaixonado, a turbulência emocional que se gera quer na presença quer na ausência do outro, causando uma intensa dependência, a enorme energia dispendida, um forte desejo sexual, variações do estado de humor, passando do êxtase ao desespero, da exclusividade sexual, aos sentimentos de posse e ciúme.

Este estado é caracterizado, segundo Tennoy citando Andreae<sup>iii</sup>, por um sentimento impetuoso, inebriante e avassalador que não é possível ignorar, ao qual chamou de *limerence*. Este sentimento deriva de um estado cognitivo e emocional involuntário, no qual uma pessoa sente um intenso desejo romântico para com outra pessoa com a duração de meses ou anos, variando da intensa alegria ou desespero extremo, consoante a reciprocidade do objecto de *limerence*.

O amor romântico surge do *limerance*, iniciado com a atracção e, posteriormente o enamoramento. Segundo Lopez e Fuertes, citado por Allen Gomes, para que este fenómeno aconteça é necessário estarem reunidas condições prévias: a incompatibilidade ou insatisfação no relacionamento actual e a ausência de relações íntimas; e uma condição necessária: a sedução adequada. Este processo amoroso, para além de complexo, tende a tornar-se num desafio assimétrico, nos sexos, na atracção, nas personalidades, nos géneros e no erotismo, consoante a definição de amor romântico que cada indivíduo lhe dá.

### **O amor obsessivo e o delírio do ciúme**

O amor é uma emoção agradável que dá acesso a um estado de tranquilidade e estabilidade emocional, permitindo o acesso a uma relação feliz e saudável entre duas pessoas. Se numa

relação, que consideramos equilibrada, existir alguma ameaça, surge o ciúme como um mecanismo de defesa na protecção da relação, conservando a exclusividade da nossa relação com o outro. Quando este receio de perdermos o que consideramos de bom e o ciúme nos assombra, persegue e cega, então o ciúme assume uma classificação patológica. A imaginação, a fantasia e o delírio passam a dominar o receio de perdermos o ser amado, e intensifica-se a necessidade de proteger a relação, tornando-se num amor obsessivo.

O ciúme é descrito, por vários autores, com uma primeira reacção automática, designada de “*flash* do ciúme”, que se desencadeia nos primeiros segundos em que a pessoa se apercebe da ameaça para a relação. Sendo uma emoção complexa associa-se constantemente a duas outras grandes emoções, a cólera e o medo. Estas poderão ser mais ou menos intensas, visto que as reacções de ciúme parecem, sobretudo, depender da personalidade do ciumento, mas também da natureza do rival.

O delírio do ciúme, para Fernandes da Fonseca<sup>iv</sup>, poderá surgir de sucessivos e repetitivos *flashes* de ciúme, estando o ciúme associado a ideias de insuficiência e inferioridade face ao parceiro ou rival. Ainda associado ao ciúme poderá surgir o temor de infidelidade conjugal, acompanhado por uma série de racionalizações e de interpretações que arrastam o indivíduo ciumento para a elaboração de idéias mórbidas.

Para que o ciúme seja considerado patológico, têm que estar reunidas três grandes estratégias: a vigilância estreita - o ciumento controla todos os passos da pessoa amada, exigindo estar sempre informado do que acontece; a restrição de contactos - o ciumento tem o cuidado de isolar a pessoa amada de tudo e todos, para que neutralize qualquer ameaça à relação, partindo da ideia “se não te relacionares com ninguém, não há hipótese de te perder”; e a desvalorização do outro - o ciumento recorre aos instrumentos mais instintivos e agressivos, como ameaças ou insultos, para desvalorizar, humilhar e desprezar o objecto amado, para que este se sinta incapaz e impotente. Este funcionamento patológico tem um objectivo principal, promover a dependência amorosa.

### **A dependência amorosa**

A dependência amorosa, para Peele e Brodsky citando Schaeffer<sup>v</sup>, é um estado instável caracterizado pela compulsão de negar tudo o que a pessoa é, ou foi, a favor de uma experiência nova e extática.

Autores que se dedicaram ao estudo da dependência amorosa, descobriram que intervêm três elementos no fenómeno da dependência amorosa: um comportamento continuado apesar das conseqüências físicas ou psicológicas adversas; obsessão ou preocupação; e sensação de que as coisas estão a fugir ao controlo. Existem dois outros elementos que poderão ou não intervir na dependência: a tolerância - o aumento progressivo da necessidade do objecto da dependência, no

intuito de conseguir manter o mesmo efeito de prazer; e os sintomas de privação do objecto da dependência.

A dependência por si só é um fenómeno que reúne três sensações constantes: a excitação, a saciedade e a fantasia. Assim sendo a dependência amorosa é o desenvolvimento maligno da nossa tendência para a excitação, para a fantasia e para a saciedade.

As pessoas podem viver sem amor, mas terão dificuldade em desenvolver a sua auto-estima, a capacidade de amar os outros, ou mesmo de amar a vida. Estes são os elementos básicos de uma relação sã. Parece que existe uma correlação inversamente positiva entre estes elementos e a dependência, assim quando mais baixa for a auto-estima, a dificuldade em amar os outros e a própria vida, maior é a vulnerabilidade para se tornar dependente amoroso. A dependência amorosa pode tornar-se uma dependência doentia, tolerada pela sociedade, até à violência.

Tal como existem diferentes formas de amar, também existem diferentes formas de dependência nesses amores. Para Schaeffer, se considerarmos o amor romântico, esta dependência romântica aplica-se às situações em que o objecto da dependência amorosa é também o objecto romântico. Esta pessoa-objecto pode ser um parceiro romântico ou apenas algo que existe apenas nas fantasias do dependente do amor. A acumulação de sentimentos inebriantes vividos durante o período de atracção de um romance, um estado de paixão obsessiva e de constante perturbação, é a droga que pode converter-se num substituto de uma intimidade real. A procura deste êxtase pode transformar-se, em si própria, numa dependência. Converte-se frequentemente numa obsessão dramática que resulta na perseguição, por parte da pessoa obcecada, do objecto do amor romântico.

Assim, o dependente do amor procura a imersão absoluta na relação romântica, seja ela real ou imaginária. Como o clímax romântico depende da novidade da relação, ou da presença de uma pessoa, a dependência romântica aparece frequentemente sob a forma de um melodrama vítima/perseguidor e de sadomasoquismo. Os comportamentos bizarros são muitas vezes um subproduto da dependência romântica.

No tipo de amor físico, caracterizado pela atracção sexual, a dependência surge quando o sexo se torna a única experiência onde os três planos do prazer - a excitação, a saciedade e a fantasia - estão satisfeitos.

Para Laaser citado por Schaeffer, a dependência sexual é uma doença que envolve qualquer tipo de actividade sexual incontrolável e que tem consequências negativas na conduta do indivíduo, ou seja, quando o comportamento sexual obsessivo-compulsivo não é satisfeito, produz angústia e desespero, quer ao indivíduo, quer à família, quer à pessoa com quem mantém uma relação.

Quanto à dependência amorosa no tipo de amor/afeição, esta surge nas relações amorosas na idade adulta que são ensombradas por experiências afectivas prematuras, em especial os vínculos com os pais durante o período da infância. A intensidade do amor dependente é, muitas vezes, proporcional à percepção das necessidades não satisfeitas durante a infância. O amor dependente intenso é acompanhado com frequência por uma baixa auto-estima. A obsessão é apresentada sob a forma de paradoxo. Ao mesmo tempo que se tenta de obter o controlo sobre as próprias vidas é dado esse controlo a forças exteriores. Esta vontade de controlar e o receio de perder o controlo provêm do medo: medo da dor; medo da privação; medo de desiludir alguém; medo de falhar; medo da culpa, ira ou rejeição; medo de estar só; medo de ficar doente ou de enlouquecer; e medo da morte.

Para Lelord e André<sup>vi</sup>, a dependência amorosa está ligada ao triângulo amoroso vivido na infância, nomeadamente numa falha crassa no amor passional que se desenvolve a partir da ligação do bebé com a mãe, o desejo da presença do outro, a intolerância pelo afastamento e um ciúme violento na presença de um rival. Esta disfuncionalidade no amor passional, não permite ao bebé criar uma estrutura sólida e equilibrada quanto às suas emoções e afectos e à forma como estes são demonstrados. O amor-companheiro e o compromisso serão formas mais difíceis de atingir na idade adulta.

As pessoas que vivenciam relações de dependência:

- Sentem-se muitas vezes consumidas - o desejo de ver o objecto amado e a questão do desespero caso não o veja, leva os dependentes a consumirem-se psiquicamente;
- Têm dificuldades em definir as fronteiras do ego – os outros dominam de tal forma o nosso ego que se torna difícil saber quem está a pensar o quê, que sentimentos pertencem a quem e quem é o responsável por que actos;
- Apresentam comportamentos sadomasoquistas - um dos parceiros pode inconscientemente sentir prazer em magoar ou desiludir, enquanto que inadvertidamente o outro gosta de ser ferido ou desiludido;
- Têm dificuldade em se libertar – face à intensidade da dependência amorosa;
- Temem o risco, a mudança e o desconhecido - na dependência amorosa existe uma aparente segurança e previsibilidade;
- Evoluem pouco a nível individual - procuram um estilo de vida monótono;
- Têm dificuldade na vivência da verdadeira intimidade;
- Brincam a jogos psicológicos como forma camuflada de cumplicidade;
- Dão para receber algo em troca - a dependência amorosa é condicional e nada altruísta;

- Tentam alterar a personalidade do parceiro - o que envolve tentativas bruscas e sucessivas em mudar o comportamento do parceiro ou de observá-lo minuciosamente em busca de defeitos;
- Procuram soluções externas - negam infantilmente a sua dependência amorosa e esperam que as coisas mudem ou acabem como que por magia;
- Exigem e esperam receber amor incondicional - este amor incondicional que é característico na infância por parte dos pais, não o é na idade adulta por parte dos parceiros;
- Recusam o compromisso ou abusam dele - a dependência amorosa frequentemente assume a forma de anti-dependência, com o objectivo de evidenciar uma recusa clara do compromisso. Por outro lado não confiam no parceiro, assumindo uma conduta de autoresponsabilização e “independência”;
- Receiam o abandono - sentimentos negativos e nefastos assolam o dependente, mesmo que a separação seja rotineira, como a ida para o emprego ou uma saída com os amigos.

Estes comportamentos e sentimentos estão presentes nas relações imaturas entre casais adultos, nos quais a procura de assimetria na relação é constante e o comportamento de dominação-submissão é exercido. Poder-se-á dizer que são características que definem as actuações dos parceiros na violência doméstica.

### **A violência doméstica**

Segundo Lourenço e Leote de Carvalho<sup>vii</sup>, a violência doméstica é um problema social de dimensão universal que atravessa fronteiras de ordem cultural, económica, étnica, religiosa ou de género, afectando, aos mais diferentes níveis, os indivíduos de um determinado contexto. A definição de violência surge como uma transgressão aos sistemas de normas e de valores que se reportam em cada momento, social e historicamente definido, à integridade da pessoa. Situa o seu significado não apenas na natureza da força e no agente agressor, mas também nos efeitos de quem sofre, isto é, na vítima.

Numa perspectiva defendida por Gelles<sup>viii</sup>, compreender o fenómeno da violência doméstica implica identificar quatro grandes áreas que estão correlacionadas entre si. São elas: as condições básicas do desenvolvimento do grupo familiar e do indivíduo, no que diz respeito aos direitos fundamentais; a identificação dos padrões comportamentais violentos; as causas que levam os agressores à passagem ao acto violento, uma das quais será a doença mental, nomeadamente a psicopatia; e por último as consequências da vitimização.



Para Schaeffer a violência doméstica é regida por três «P»: projecção, personalização e poder. Para além destes mecanismos de actuação devemos incluir a rejeição. Tanto a vítima como o agressor negam que a relação esteja disfuncional, antes pelo contrário, se existe igualdade entre as partes entendem a relação como sendo mesmo disfuncional. A projecção é um mecanismo recorrente do agressor, como também o é na psicopatia, como iremos ver de seguida e consiste em desviar a culpa para a vítima ou reconhecer no outro um defeito do próprio. A personalização é a interiorização das projecções que os outros fazem de nós, aceitando-as como verdades sobre nós próprios (por exemplo, o caso da vítima). Por último o poder surge através de jogos de poder que são comportamentos manipuladores tendo como objectivo manter a desigualdade numa relação, determinando quem domina e quem está dominado.

Para Nazare-Aga<sup>ix</sup> o agressor é um manipulador relacional que consegue tornar-nos culpados de faltas imaginárias. Faz uso de raciocínios pseudológicos e de regras morais que maneja segundo o objectivo que pretende. É particularmente habilidoso em inverter as situações e consegue instalar a confusão no seu interlocutor. Se este último tiver tendência natural para se achar culpado, irá então tornar-se um alvo de predilecção para o manipulador. O manipulador utiliza constantemente o comportamento *double bind*, ou seja, utiliza uma comunicação paradoxal em que duas mensagens opostas são emitidas de tal modo que, se obedecer a uma, está a contrariar a outra. Assim intimida o parceiro.

O manipulador recorre muitas vezes à vitimização. Diz-se vítima da incompetência, da mediocridade e das fraquezas dos outros. A sua comunicação não é autêntica, exprime as suas mensagens de modo unilateral ou de maneira irónica. Deforma ou interpreta o que lhe é dito da maneira que lhe convém. Vários estudos feitos no âmbito da violência doméstica e/ou sexual indicam que existe um elevado índice de psicopatia no funcionamento do agressor.

### **A psicopatologia do amor – a psicopatia**

A psicopatia, sendo considerada como a psicopatologia que está na base de todo o comportamento amoroso passional, caracteriza o funcionamento do agressor. Como já vimos anteriormente, o amor passional surge de uma disfuncionalidade entre o bebé e a mãe. A atitude complacente da mãe reforçará os comportamentos dependentes e simbióticos, bem como a insegurança, a falta de protecção e a ausência de carinho partilhado. Este quadro pode determinar uma falta de confiança no outro.

O psicopata é aquele que não acredita em ninguém, nem se sente seguro com ele próprio. Reage da forma mais instintiva e depressa passa ao acto quando as suas necessidades não são satisfeitas ou se sente ameaçado.



Segundo Fernandes da Fonseca, entende-se por psicopatia uma situação psicológica de desarmonia constitucional, por imaturidade ou deterioração da personalidade, com tendência para a impulsividade, ou ainda para um comportamento amoral ou anti-social. O psicopata é aquele que sofre e faz sofrer.

A psicopatia é um funcionamento típico da personalidade do agressor, pois recebe todo o tipo de afectos positivos dele e dos outros. É maioritariamente um indivíduo do sexo masculino, no caso da violência doméstica ou sexual. A sua sobrevivência psíquica parece estar intimamente ligada ao exercício da «depreciação dos outros». Na sua interacção com os outros, tende a mudar de comportamentos, de atitudes, de discursos, de opiniões e até de decisões conforme se encontre na presença de diferentes pessoas.

Uma característica bastante forte no funcionamento psicopata é o seu elevado índice de egocentrismo o que o torna incapaz de ser empático com os outros, isto é, de conseguir colocar-se no lugar dos outros e de compreendê-los.

Outra característica do psicopata é a perversidade, definida como o carácter ou a acção perversa com comportamentos sádicos e de depravação. A perversidade está ligada à perversão sexual pura, característica de algumas parafílias tais como o exibicionismo, o sadomasoquismo sexual, a pedofilia, a zoofilia, o fetichismo, etc. O pervertido sexual alimenta a sua perversão através de pulsões orientadas para objectos de desvio que se tornaram a única fonte de prazer sexual.

Segundo Rhodes<sup>x</sup>, o psicopata quando rejeitado tende a tornar-se muito agressivo. Se isso acontece, vivencia um conflito, pode chegar a matar ou a morrer. Os comportamentos de auto-destruição são característicos dos psicopatas consoante o grau de deterioração mental. Assim, a consequência última de todo este funcionamento será a morte.

## CONCLUSÃO

Este trabalho baseia-se numa revisão bibliográfica sobre a temática amorosa e a psicopatologia do amor. Teve como objectivo dar a conhecer o *continuum* do amor patológico, a fulminante paixão, o delírio do ciúme e o amor obsessivo, a dependência amorosa, a violência doméstica e sexual e o funcionamento psicopatológico de indivíduos que vivenciam o amor de uma forma distorcida.

Foi apresentada uma relação entre a paixão obsessiva e o funcionamento psicopata. Relatou-se como se dá este *continuum* de comportamentos, emoções, sentimentos e atitudes mais negativas que caracterizam a forma particular de como alguns indivíduos amam e se relacionam com outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- <sup>i</sup> Doron R e Parot F. Dicionário de Psicologia. Lisboa: Climepsi; 2001.
- <sup>ii</sup> Allen Gomes F. Paixão, Amor e Sexo. 2ª Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 2004.
- <sup>iii</sup> Andreae S. Anatomia do Desejo. Porto: Campo das letras; 2003.
- <sup>iv</sup> Fernandes da Fonseca A. Psiquiatria e Psicopatologia. Vol.I 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1997.
- <sup>v</sup> Schaeffer B. Será Amor ou Dependência?. 3ª Ed. Viseu: Bizâncio; 2008.
- <sup>vi</sup> Lelord F e André C. A força das Emoções. Cascais: Pergaminho; 2002.
- <sup>vii</sup> Lourenço N. Leote de Carvalho MJ. Violência doméstica: Conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência in Themis – Revista de Direito – Ano II – n.º 3. PP.95-121. Coimbra: Almedina; 2001.
- <sup>viii</sup> Gelles R. Family Violence. 2ª Ed. Londres: Sage Publications; 1987.
- <sup>ix</sup> Nazare-Aga I. Os manipuladores do Amor. Cascais: Pergaminho; 2001.
- <sup>x</sup> Rhodes D e C. Vampiros – predadores emocionais que nos querem sugar a vida...Venda Nova: Bertrand Editora; 2000.